

O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 105

Verdun 1916

O Açougue Franco-Alemão





O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



EDITORIAL

Este número é especial, por dois motivos.

Em primeiro lugar, porque nele iniciamos a publicação de textos lembrando os sangrentos campos de batalha da I Guerra Mundial. Iniciado em 1914, o conflito provocou uma onda de violência que colocou todos os anteriores em um patamar menor. Nunca antes se vira tanta destruição, em espaço tão restrito, temporal e espacialmente falando.

A AHIMTB/RS, em memória ao evento, preparou um selo comemorativo (está na capa desta edição), que deve se repetir durante este ano, marcando o centenário da catástrofe e não nos deixando esquecer da importância dos que nela lutaram, morreram e sobreviveram. Para abrir o ano da I Guerra, temos um texto sobre a Batalha de Verdun, escrito por um de nossos membros-efetivos.

Em segundo lugar, porque neste número trazemos a notícia da inauguração do nosso site. Pela primeira vez, a AHIMTB/RS e o IHTRGS têm uma plataforma de acesso digital, pronta para divulgar contatos, conexões e permitir que os informativos oficiais sejam adquiridos, através de *download*. Simples, mas eficiente.

Para nós, é um grande passo, que tende a se alargar, na medida em que formos ajustando a estrutura existente às novas possibilidades, em busca de caminhos menos árduos para que a História Militar se propague com a ênfase que merece. O IHTRGS apresentará, também, suas novidades, ainda neste ano.

Desejamos, portanto, bons acessos ao site e uma prazerosa leitura deste número do Tuiuti, com a certeza de que, hoje, Clio sorri, um pouco mais satisfeita.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 A BATALHA DE VERDUN

por Fabrício Gustavo Dillenburg

A Batalha que redefiniu o conceito de violência na I Guerra Mundial, gerando uma carnificina em escala nunca vista.

16 CICLO DE PALESTRAS 2013-14

por Núcleo de História Militar Vae Victis

O Núcleo Vae Victis promove palestras de divulgação sobre História Militar, agora aliado com a AHIMTB/IHTRGS.

18 AGORA É DIGITAL

O site da AHIMTB/RS - IHTRGS acaba de ser disponibilizado, inclusive com acesso a todos os números de "O Tuiuti".



4



16



18

Conexões

Informativos

Contato





Verdun 1916

Quando a Morte se Fartou

F. G. Dillenburg

L'année stérile – “o ano estéril”; assim foi batizado 1915. Palco de ofensivas infrutíferas e nenhuma vitória decisiva, aqueles meses foram uma decepção para os que acreditavam num fim próximo para a guerra.

A situação era difícil: a Bélgica estava tomada, a França norte sulcada por quilômetros e quilômetros de infames trincheiras. Os franceses desejavam expulsar os alemães do seu território, mas mesmo as mais ferozes ofensivas, desfechadas na região do Artois e da Champagne, não surtiram os resultados esperados: boas posições defensivas, com poder de fogo maciço (em grande parte, provido pelo nutrido fogo das novas – e mortais – metralhadoras), impediram seu sucesso. Com sérias dificuldades de comunicação no campo de batalha, comandada por oficiais ineptos e pouco imaginativos, mas mergulhada em tradições de obediência cega e propaganda maciça, a tropa estava, frequentemente, sujeita à carnificina. Foi exatamente o que aconteceu em Artois e Champagne, onde 248 mil perdas francesas derivaram na inútil retomada de algumas enlameadas aldeias. Combates posteriores resultariam em desvantagens para os alemães, mas sempre a um altíssimo custo humano, para ambos os lados. O impasse persistia, e tornou-se consenso que uma ofensiva eficiente – e ainda mais brutal – deveria ser tentada, para expulsar, definitivamente, os alemães.

Em vista disso, a planificação aliada para 1916 – idealizada em 1915, em Chantilly –, e cujo núcleo derivou do General Joseph Jacques Joffre,

“L'ANNÉE STÉRILE – O ANO ESTÉRIL – FOI COMO SE BATIZOU 1915. O ANO FOI UMA DECEPÇÃO PARA OS QUE ACREDITAVAM NUM FIM PRÓXIMO PARA A GUERRA.”

desenvolveu-se com base em um ataque franco-britânico na área do rio Somme, numa frente de, aproximadamente, 100 km. Sua intenção era provocar o desmonte da capacidade ofensiva germânica, possibilitando a reorganização aliada para um impulso posterior, maior, capaz de romper com a ameaça alemã.

Joffre havia evitado que os alemães tomassem Paris, em 1914, e sua convocação aos comandantes aliados propunha discutir, objetivamente, uma solução ao impasse derivado da guerra estática. A conclusão foi de que Grã-Bretanha, França, Rússia e Itália deveriam atuar em um ataque conjunto, a ser realizado em fevereiro de 1916, numa ofensiva generalizada que, esperavam, empurraria vigorosamente os alemães de volta às suas fronteiras,

liberando a França e exaurindo os recursos de guerra do inimigo. Apesar do General inglês Douglas Haig, comandante das forças britânicas, preferir a região de Flandres, foi a proposta de Joffre que obteve maior apoio. De fato, a influência da liderança francesa, entre as forças ocidentais era, sem sombra de dúvidas, superior naquele momento, e decidiu a questão. Mas, mesmo entre os compatriotas, não houve consenso: Ferdinand Foch, adjunto de Joffre, foi um dos que discordaram veementemente da decisão do local para a ofensiva, colocando a região do Somme como um beco sem saída estratégico. Pensava que a área de Vimy era o ponto crucial para um ataque capaz de abalar os alemães, mas não obteve sucesso em suas reivindicações, exceto por conseguir que uma força francesa pudesse atacar, simultaneamente, pelo norte do Somme (o que se provou bastante problemático, posteriormente, em termos de coordenação e comando). De uma ou de outra forma, os argumentos franceses foram vitoriosos.

O respeito ao comando francês, contudo, não resolvia todas as questões: numa carta ao comando inglês, por exemplo, Joffre deixava claro que considerava “indispensável que (...) o exército britânico” procurasse “desgastar as forças alemãs por meio de ofensivas amplas e poderosas, como os franceses fizeram em 1915”, o que não foi bem aceito.

A discordância adveio, sobretudo, porque os ingleses não admitiam que as forças francesas não fossem disponibilizadas nesses temerosos ataques preliminares, que certamente receberiam todo o impacto das defesas alemãs. Os franceses argumentavam que não dispunham de reservas humanas suficientes para sustentar os ataques preliminares e, ainda, promover o ataque principal, mas a explicação não foi suficiente para convencer os ingleses.

Por outro lado, forte razão para a discussão dava-se pela certeza, difundida inclusive entre os próprios soldados aliados, do despreparo das tropas britânicas (os alemães discordavam, e consideravam os ingleses combatentes superiores, quando comparados aos franceses). Os oficiais ingleses acreditavam precisar de, pelo menos, mais um semestre de treinamento para colocar suas forças de prontidão para o combate, o que se fazia absolutamente impensável, diante da situação crítica.

Por fim, depois de inúmeras reuniões e trocas de correspondência, foi proposto um atraso nas datas do ataque, um meio-termo. Resolvida esta questão, uma série de outros problemas restava, antes que a ofensiva tomasse forma.

Um deles, fundamental, era o fato de que havia uma absurda e generalizada escassez de

projéteis, principalmente de artilharia. Isso, tanto do lado alemão quando do francês e britânico, o que resultou em uma mobilização maciça da população para o trabalho fabril, além de progressiva intervenção estatal na sociedade, a fim de controlar a produção de forma mais estreita. Interessante, sob esse aspecto, é o fato de que, para as mulheres, em especial, o momento foi de grande importância, abrindo espaço para que pudessem trabalhar nas fábricas (enquanto seus maridos, noivos e filhos eram deslocados para as frentes de combate), abrindo caminho à sua emancipação futura, como cidadãs de primeiro nível.

Para a Alemanha, por sua vez, além dos problemas em comum, estabelecia-se um impasse estratégico: o Plano Schlieffen previa uma postura defensiva no leste, ao passo que buscava uma vitória no oeste. Entretanto, a mobilização russa provocou preocupação, e levou a questionamen-

tos sobre a necessidade de reforços nas posições orientais, o que enfraqueceria a capacidade de combate contra as potências ocidentais. Simultaneamente, a Áustria e a Hungria eram relativamente fracas, enquanto nações alinhadas aos interesses germânicos. Comumente, suas tropas eram vistas com desprezo pelos oficiais do Império alemão, tratadas como combatentes de segunda linha. Sua capacidade em combate era, de fato, inferior, sob vários aspectos, e sua localização era vista com cuidado pelos aliados, como ponto provável de rompimento nas ações ofensivas.

De qualquer forma, era consenso, entre todos os contendores, e não somente entre os alemães, de que seria na frente ocidental que a guerra

TROPAS ALIADAS v

No início da guerra, a população comemorava o irrompimento da luta. Logo, a situação mudaria, frente à carnificina do front.



seria decidida, e que o teatro oriental representava apenas um papel secundário. Para os germânicos, no espaço relativamente restrito, no qual aconteciam os combates na frente ocidental, o objetivo primário era obter posições que não fossem passíveis de flanco. Fortificações, trincheiras infindáveis e postos de vigilância foram, por isso, construídos, dispersando-se longamente pelo terreno, protegidos, na “terra de ninguém”, por quilômetros de arame farpado¹.

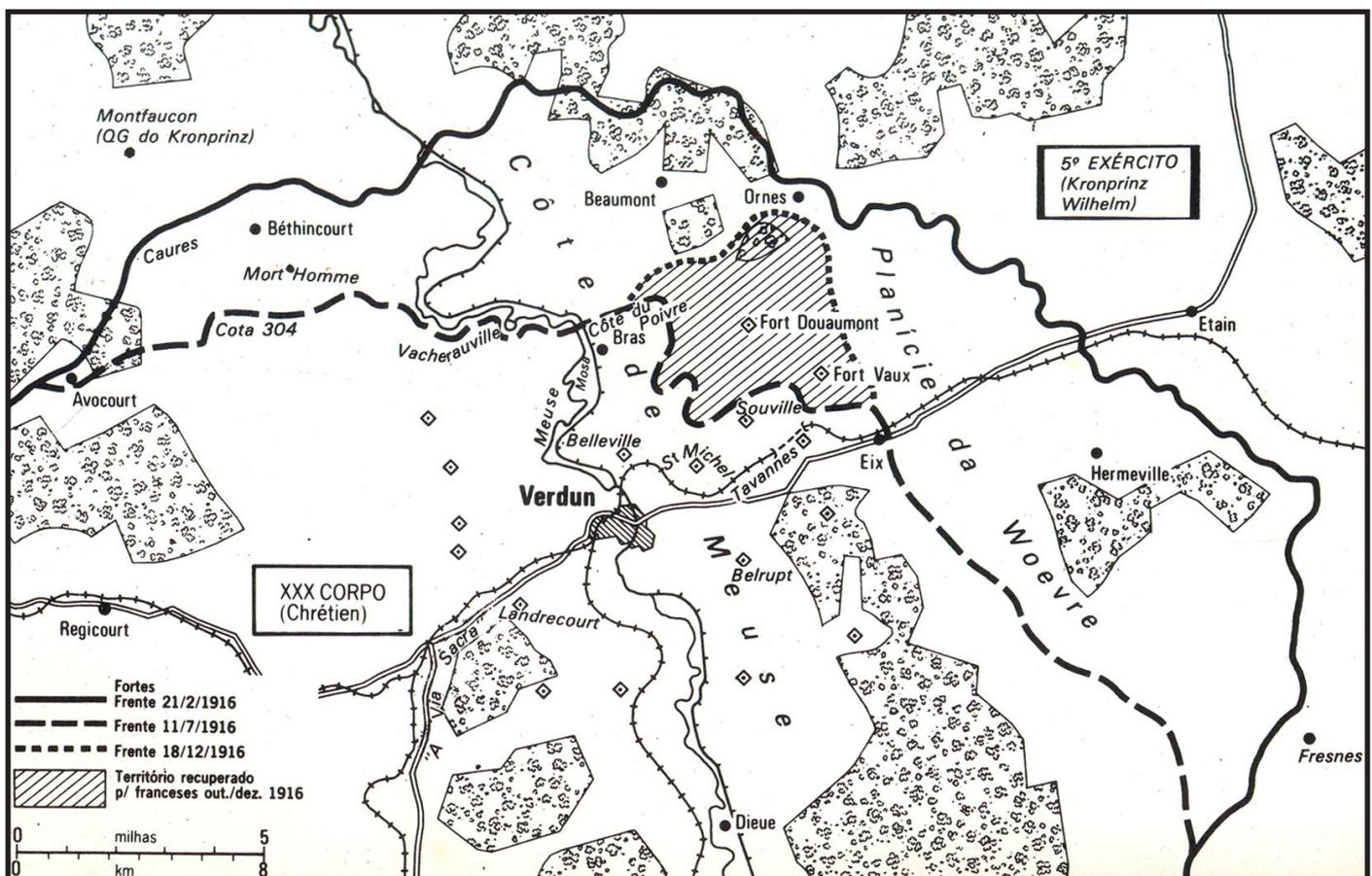
Erich von Falkenhayn, comandante do Estado-Maior alemão, como seu adversário francês, também almejava um rompimento com a guerra de posições, livrando-se da maldição da guerra estática que impedia manobras, fun-

damentais para garantir, novamente, a iniciativa. De fato, o início de 1916 dava claros indícios, para os alemães, de que o inimigo agiria com mais vigor, principalmente porque, como tudo levava a crer, os britânicos seriam incorporados às ações com maior amplitude de coordenação. Por conseguinte, embora otimistas com seus avanços até então, os alemães – sob as ordens de Ludendorff e Hindenburg – viam as perspectivas, para o ano que adentrava, um tanto sombrias. Suas preocupações foram traduzidas por um memorando de Falkenhayn ao Kaiser Guilherme II, no qual os militares expressavam seu receio em relação ao perigo britânico, e deixavam claro que a destruição – física e moral – do exército francês deveria ser feita com urgência, objeti-

vando minar as possibilidades de união de esforços entre os comandos aliados.

Segundo suas memórias, Falkenhayn estudou laboriosamente o terreno, buscando um objetivo no qual fosse possível colocar os franceses em uma armadilha mortal. Desejava encontrar um ponto no qual os franceses se vissem obrigados a alocar todos os recursos disponíveis, forçando uma luta desesperada que consumisse a sua capacidade de resistência. Seu conceito de guerra, segundo suas próprias palavras, era esvair a nação inimiga, sangrando suas melhores tropas.

Aliás, a propósito disso, cabe salientar que muitos historiadores recusam a ideia de que



o memorando ao imperador, com essas propostas expostas, seja verdadeiro, devido à falta de contraprovas e testemunhos confiáveis. Pode ser, inclusive, que Falkenhayn tenha desenvolvido a ideia a posteriori, buscando justificar os motivos e as escolhas que levaram à catástrofe na qual se transformou a batalha. Talvez essa questão jamais seja esclarecida, mas é algo a ser levado em conta, com muito cuidado, na análise do processo histórico que envolve a Batalha.

O fato é que, independente das discussões históricas sobre a veracidade da documentação, uma decisão, entre os comandantes alemães, foi tomada: a fortaleza de Verdun seria o alvo e, o instrumento, o V Exército – orgulhoso representante das mais duras tradições prussianas – sob o comando do príncipe herdeiro Guilherme e do General Schmidt von Knobelsdorf. Partindo do pressuposto de que as intenções de Falkenhayn eram verdadeiras, o propósito não seria, necessariamente, tomar o local, mas prover uma área de extermínio, na qual a artilharia e a infantaria alemãs pudessem agir com maciço poder de destruição.

As Balcãs, a frente italiana, e mesmo a frente russa – na qual os sucessos da Alemanha se davam com certa facilidade –, deram lugar à decisão de eliminar as ameaças maiores,



com especial atenção à Grã-Bretanha. Certo receio rondava o Alto Comando, de que a incapacitação do império britânico, pela ação ilimitada dos submarinos, poderia levar ao acirramento das tensões e à adesão dos Estados Unidos contra a Alemanha, e esse era um risco que a os germânicos não desejavam correr. Seria melhor, portanto, derrotar os ingleses nos campos europeus, incapacitando, definitivamente, seu poder de reação. Neste caso, se os alemães lograssem varrer os franceses do mapa, os ingleses ficariam sem apoio no continente, passíveis de serem, por sua vez, engolfados pelo ímpeto bélico alemão.

A tensão sobre a França, entretantes, se fazia sentir, quase ao ponto da ruptura, e não havia um aliado próximo – com exceção dos próprios ingleses – para lhe socorrer. A pressão pontual poderia fazer com que o exército francês, já debilitado, se esvaísse em recuos, sem chance de retrai-

ALEMÃES EM ATAQUE FRONTAL ^

Adeptos do ataque de frente, como "símbolo de coragem", muitos oficiais - de ambos os lados - foram responsáveis pela chacina de centenas de homens.

mento, sob pena de perder o próprio país. Para Falkenhayn, que queria evitar, num primeiro momento, "a melhor espada inglesa", não restava dúvidas: o sul do Somme (Belfort ou Verdun) – setor que manteria a Grã-Bretanha fora do combate imediato – deveria ser o túmulo das forças francesas.

Embora as duas áreas (por serem antigas fortalezas de grande significado histórico) fossem capazes de despertar emoções francesas, Belfort era um osso duro de roer, como os combates de 1914-15 haviam violentamente demonstrado. Por conseguinte, foi Verdun a escolha para tornar insustentável a situação de resistência aos alemães.

Verdun era um antigo ponto forte, dividido ao meio pelo rio

Meuse (Mosa), considerado a porta de entrada para o centro do país. No centro da área havia uma cidadela, erguida no século XVII e reforçada no século XIX, que contava com instalações subterrâneas para as tropas. Além de seus muros, distante, aproximadamente, oito quilômetros, construiu-se um anel reforçado por cerca de trinta pontos-fortes, sendo quase dois terços protegidos sob a terra. Torres móveis, com canhões de 75 a 155mm, serviam como defesa ativa. Mas, infelizmente para os franceses, não havia coesão entre os fortes, construídos em dureza, armamento e posicionamento variáveis.

Em 1914, essas fortificações haviam se mostrado fundamentais para a recuperação de Joffre frente ao poderoso ataque alemão, servindo de eixo para as forças francesas que impediram a marcha direta para sua capital. Contudo, passado o perigo imediato, e em vista da queda das fortalezas belgas frente ao avanço

alemão, foi o próprio General quem convenceu o governo a desmantelar as torres, retirando seus canhões para que pudessem ser empregados como artilharia em Champagne. Obteve, com isso, 43 canhões pesados e 11 baterias de campo, que seriam utilizadas em futuras ofensivas. Dessa forma, com seus grandes espaços arborizados e suas bucólicas colinas, sem artilharia, Verdun foi recheada com trincheiras, solução paliativa às suas torres desnudadas. No momento crucial, quando o ataque alemão foi iniciado, menos de trezentas armas, carentes de munição, estavam disponíveis.

O inimigo estava ciente das dificuldades da França em socorrer Verdun com tropas oriundas da retaguarda, devido ao precário sistema de

REGISTRO DA MORTE v

Soldado francês no momento da morte. Não é, como se pensava, um fotograma de um filme alemão, sobre a Batalha.



transporte na área, algo que os alemães poderiam compensar muito bem, pois administravam uma estrada de ferro a menos de vinte quilômetros da cidadela. Além disso, era evidente a importância de Verdun para os franceses, sobretudo por seu caráter psicológico, e Falkenhayn imaginou – ainda, se acreditarmos em suas palavras – que isso levaria o inimigo a deslocar suas tropas com toda a força para a região, na tentativa de burlar os planos alemães. Se o número de baixas fosse suficiente, o combate no saliente representaria o fim da guerra para a França.

Comandava as desfalcadas fortalezas o General Herr, oriundo da artilharia. Tendo em vista a pouca movimentação no ano anterior, um clima de letargia havia se instalado entre as tropas, a disciplina era frouxa e os preparos na defesa, desleixados. Linhas telefônicas não haviam sido completamente instaladas, a comunicação entre as trincheiras era medonha e abrigos contra ataques de artilharia eram raros e esparsos. Quando o General Philippe Pétain foi designado para substituir Herr, poucos dias antes do ataque alemão, mostrou-se indignado com o estado das coisas. Mesmo as trincheiras, habitadas pela maioria dos soldados, estavam repletas de lixo, cobertas pelo barro e com suportes quebrados e enferrujados. No

que diz respeito à soldadesca, boa parte pertencia ao XXX Corpo, composto por tropas territoriais de segunda linha. Os relatórios de Pétain sobre a situação, que sobreviveram à guerra, são deprimentes, para não dizer catastróficos². Um “prato cheio”, para auxiliar o esforço de guerra alemão.

Por fim, enquanto os franceses, ingleses, russos e italianos deliberavam sobre quem atacaria, discutiam datas e decidiam por onde se dariam as primeiras movimentações no front, os germânicos agiram.

Em 12 de fevereiro de 1916, as forças alemãs já haviam deslocado 1.400 peças de artilharia e pelo menos nove divisões, dispostas em uma frente estabelecida a leste do Meuse, contra duas divisões francesas e, comparativamente, apenas um quarto do número de canhões. Faziam parte das forças germânicas, inclusive, o monstruoso morteiro Grosse Bertha, de 420 mm, apoiado por morteiros austríacos de 305 mm e canhões navais e 380 mm, além dos novíssimos lança-chamas. Uma repentina queda de neve, contudo, seguida de forte neblina, impediu que o ataque iniciasse na data marcada, favorecendo um pouco a defesa, que corria contra o tempo para melhorar suas posições.

A situação, bastante desfavorável à França, era reforçada



pela total segurança logística germânica, cujas tropas estavam servidas por nada menos do que uma dúzia de linhas ferroviárias, a maioria de bitola larga, além de disporem de três pontes e considerável apoio aéreo. Comparativamente, os franceses possuíam apenas uma ferrovia de bitola estreita e uma estrada. Outras duas vias de acesso estavam inacessíveis: uma havia sido capturada, a outra podia ser bloqueada pelo fogo da artilharia alemã.

A ofensiva, que teve início sob a palavra-chave *Gericht* (tribunal), deu-se em 21 de fevereiro. Embora tenha enfurecido o comando alemão, a semana e meia de atraso, devido ao tempo ruim, representou para os franceses um auxílio impagável para reforçar Verdun com tropas, alimentos, munição e equipamento (insuficientes, apesar da percepção geral de que haveria, ali, um ataque). Às 7h15min da manhã, afinal, esgotou-se o

CONVIVÊNCIA MACABRA ^

Restos de corpos e equipamento, cadáveres completos, membros perdidos, ratos, tudo isso fazia parte da convivência diária nas crateras e trincheiras, imundas e alagadas.

seu tempo e o inferno se abriu às margens do Meuse. O primeiro tiro foi dado por um canhão Krupp de 380 mm, que atingiu a catedral de Verdun, distante 32 Km. Nas horas que se seguiram, mais de dois milhões de obuses caíram sobre a cidadela, matando 20 mil franceses, literalmente engolidos pela terra em convulsão. Povoados, bosques, aldeias foram aplainados pelo fogo da artilharia.

A ideia do príncipe herdeiro Guilherme era, simplesmente, usar os canhões para abrir um rombo nas defesas e lançar, por ele, sua infantaria em carga. O plano foi aceito por Falkenhayn mas, com receio de que Verdun fosse tomada muito rapidamente – eliminando a possibilidade de uma batalha prolongada capaz de destruir as forças francesas –

as reservas que deveriam estar disponíveis para o V Exército, no caso de sucesso no rompimento, foram seguras pelo Comando.

Aplicando seu planejamento à risca, com um ótimo sistema de observação – e, apesar do bombardeio sistemático – os alemães verificaram que muitas posições francesas permaneciam guarnecidas. Renovou-se, portanto, a carga de artilharia, desta vez com o auxílio de morteiros, buscando os pontos que permaneciam como ameaça. Cautelosas, patrulhas de combate varreram, então, à frente, em busca de lacunas nas defesas, e encontraram o inimigo aturdido e desorganizado. Comunicado, o Comando agiu.

A investida foi devastadora, embora não definitiva. Um impressionante bombardeio de área renunciou o deslocamento de 140 mil alemães, contra-atacados por incursões francesas audaciosas, mas pouco efetivas. No frenesi dos combates, atos de extrema coragem e desespero marcaram, como não poderia deixar de ser, os dois lados. Uma dessas condutas notórias coube ao Coronel Émile Driant – crítico de Joffre pela retirada dos canhões de Verdun e que se destacou pela intrepidez na defesa de Bois de Caures, com dois batalhões (cerca de 1.200 homens) – caído em combate, em uma retirada desesperada após suas forças terem sido flanqueadas. Sua resistência heroica permitiu que os co-

mandantes franceses ganhassem um tempo precioso para deslocar mais tropas ao setor e tentar fechar a brecha. Prova da valentia de suas ações é o fato de que os alemães enterrouam seu corpo e escreveram à viúva, através de um mensageiro especial, para assegurar que ele tivesse um funeral com todas as honras que merecia³.

A fortaleza de Douaumont foi uma das primeiras a cair, tomada em total surpresa: a grande maioria dos 63 homens da guarnição, num daqueles momentos surreais da guerra, assistia a uma palestra quando chegou uma patrulha de dez alemães. A plateia foi trancada na sala por um sargento do 24º Regimento de Brandenburgo que penetrara no forte, aparentemente sem ser incomodado. Somente um dos canhões chegou a dar combate, mas logo silenciou. Foi um desastre humilhante para os franceses, já que abriu um importante espaço de pe-

netração para o exército inimigo.

Pétain – conhecido por sua habilidade em organizar defesas –, em vista do caos que se instalava, foi imediatamente contatado por Joffre, que lhe ordenou impor resistência obstinada, sob pena de se descerrarem, por completo, as portas para Paris. Em apoio, a chegada do General Balfourier, com seu 20º Corpo (conhecido como “Corpo de Ferro”), foi capaz de garantir alguma sustentabilidade às linhas, dinamizadas por um sistema de rotação dos combatentes e recursos (estabelecido por Pétain), através da única estrada livre que restava, entre a frente e Bar-le-Duc (e que passou a ser chamada de *Voie Sacrée*, a “via sagrada”, mas também de “transportador de baldes”,

PRISIONEIRO V

Combatentes capturados aguardam seu destino. Os que eram capturados sofriam, mas podiam se dar ao luxo de sobreviver.



pelos soldados). Sistemática-mente, um volume considerável de viaturas foi empregado para o transporte, num fluxo virtualmente ininterrupto para o front. A partir de 29 de fevereiro, 50 mil toneladas de munição e 90 mil homens fluíram por essa artéria.

O início da primavera trouxe lama, muita lama, transformando a região em um colossal atoleiro, enquanto os franceses lançavam tudo que tinham contra os alemães, tentando segurá-los. A situação continuava desesperadora, mas pelo menos uma relativa equivalência numérica foi obtida em artilharia e aviação, enquanto os fortes que ainda restavam eram rearmados, às pressas, com o que havia disponível. Por praticamente dois meses, a situação foi de grande aflição.

Em março e abril, Falkenhayn deu ímpeto a duas outras ofensivas, dando vazão a

avanços e recuos visando os flancos, entre colinas bombardeadas incessantemente por ambas as artilharias. As trincheiras foram soterradas e os buracos dos obuses passaram a servir de abrigo aos combatentes. Faziam-lhes companhia, nesses espaços, restos de corpos semienterrados na lama. Em maio, a resistência francesa não foi mais suficien-

“FALKENHAYN COMEÇOU A SE DAR CONTA DA ARMADILHA EM QUE SE METERA. NÃO PODIA RETROCEDER NEM TINHA FORÇAS PARA UM GOLPE FINAL.”

te, cedendo aos alemães importantes áreas elevadas no campo de batalha, entre elas, a *Le Mort Homme* e a Colina 304. Em seguida, os atacantes

concentraram seus ataques no leste da cidade.

Porém, se o suposto objetivo germânico, de sangrar as tropas francesas até seu limite, estava sendo um sucesso, os alemães também mergulhavam no mesmo destino. Não havia dúvidas de que, se o ritmo da carnificina continuasse, logo não haveria mais quaisquer reservas, e a operação toda se tornaria um desastre total. Tanto Pétain quanto o Príncipe Guilherme expressaram suas preocupações a propósito da matança, mas não conseguiram convencer os que defendiam a causa da luta até o último homem.

Com o número de homens disponíveis caindo rapidamente, Falkenhayn tratou de providenciar reforços e, supostamente alterando o objetivo primário de destruição das tropas francesas, buscou promover um assalto decisivo às defesas e tomar, de uma vez por todas, Verdun. No início de junho, avançou sobre Thiaumont, Vaux e Souville, sob o fogo de sua artilharia, equipada com obuses carregados com gás fosgênio (dicloreto de carbonila). À já indescritível dureza da luta dos infantes somou-se a tragédia dos gases venenosos.



< FORT VAUX

Local de dura resistência, o Fort Vaux foi palco de encarniçadas lutas nos seus subterrâneos.

Nos sanguinários embates que se seguiram, Fort Vaux destacou-se pela resistência. A fortaleza foi martelada incessantemente, até que o avanço conquistou a área superior. Nos túneis que ocupavam os subterrâneos, a luta se estendeu até o início de junho, num mortal jogo de gato e rato no qual os combates aconteciam, frequentemente, corpo-a-corpo. Enfraquecidos, os franceses foram, mais uma vez, derrotados. A tragédia parecia estar se delineando com grande velocidade.



Pétain solicitou a Joffre para abandonar o setor, o que lhe foi negado. Para os franceses, Verdun se tornara o que Ypres fora para os britânicos, e a retirada estava fora de questão. Restava-lhe resistir, o que foi feito usando todos os meios disponíveis e, em desespero, a artilharia, principalmente nos arredores de Souville. A paisagem tornou-se lunar, a neve derreteu e os feridos se afogavam nas trincheiras e nas crateras.

Mas Falkenhayn também se via em apuros. Começou a se dar conta da armadilha em que se metera, e metera seus homens. Não havia mais como retroceder, e não possuía forças suficientes para um golpe final.

Em 1º de Julho, com a abertura da planejada Batalha do Somme, as coisas começaram a complicar para os alemães. Tropas tiveram que ser deslo-

çadas para cobrir contra-ataques, e o ímpeto alemão arrefeceu, salvando Verdun da derrota.

Na frente oriental, o General Alexei Brusilov comandou um ataque aos austríacos, desestruturando suas defesas e obrigando os alemães a voltarem seus esforços para impedir o desmantelamento da frente. Falkenhayn viu-se obrigado a deslocar três divisões, interrompendo o processo já penoso de manter terreno e enterrando, definitivamente, os planos de conquista da área. Pela falha em concluir a tomada do objetivo, ele foi substituído pelo Marechal Paul von Hindenburg.

Fracionada em duas frentes, as forças alemãs perderam a força concentrada necessária para decidir a batalha. Em outubro, pregando a teoria de Foch, sobre o poder da artilharia, os franceses iniciaram

MEMÓRIA ^

Vários monumentos resguardam não apenas as memórias da batalha em si, mas também de alguns poucos homens que combateram no local.

uma série de contra-ataques no perímetro de Verdun. Com intenso uso de bombardeio, a infantaria francesa conseguiu fincar pé no terreno. Os Fortes de Douaumont e Vaux foram retomados em outubro e novembro; em dezembro, os germânicos estavam sendo empurrados às suas linhas originais. Logo, estavam na defensiva, lutando para sustentar suas posições. Sua moral nunca mais voltou a ser a mesma.

Batalha de atrito sem igual, Verdun passou a representar a vontade de defesa do solo pátrio, acima de quaisquer sacrifícios. Do ponto de vista humano, foi a mais longa e sangrenta batalha da História. Comparada com outras grandes batalhas do período,

foi única: o Marne foi uma vitória de comando; o Somme, de 1918, da artilharia e dos recém-chegados carros de combate. Verdun representou o sacrifício maior, sobretudo para os franceses, que pagaram a autonomia da nação com generoso sangue.

A batalha foi cruel ao extremo, de certa forma despropositada em seus objetivos, uma mostra do que comandos inflexíveis podem provocar a um exército, e sem verdadeiros vencedores. Contudo, não foi somente uma chacina. Como parte de um todo bastante complexo, Verdun serviu para

que as táticas de combate fossem exploradas e melhoradas, principalmente no que diz respeito ao uso da artilharia como apoio imprescindível ao avanço da infantaria, o que seria, posteriormente, estendido ao uso primitivo da aviação. A flexibilidade tática tornar-se-ia uma necessidade, com as percepções derivadas dos sangrentos (e muitas vezes inúteis) combates, e ficou absolutamente claro que a principal qualidade desejável ao soldado era a resistência, sob condições que seriam, sob outras circunstâncias, intoleráveis ao ser humano.

Por outro lado, em essência, a Batalha de Verdun exerceu importante papel nos protestos futuros, que ajudariam no encerramento do conflito. A luta, mais do que de generais, foi de soldados. E foram eles que, mergulhados na carnificina das trincheiras, emergiram entre o desgosto e a indignação, levando as tropas a se amotinarem na fase final da guerra. Os homens haviam visto – e vivido – o terror da morte vagando por suas linhas, arrancando vidas, arruinando membros, destruindo uma geração, em troca de um punhado de quilômetros



quadrados que, no final das contas, serviram para absolutamente nada.

A matança sem sentido da I Guerra Mundial pesaria muito à Europa. Somente na Alemanha, as baixas chegaram a 6.250.000, sendo dois milhões de mortos⁴. A guerra destruiu os impérios russo, otomano, austríaco e alemão. Fronteiras foram refeitas. Novos países surgiram. O Tratado de Versalhes, derivado mais do desejo de vingança do que da visão de uma paz necessária, resultaria diretamente, em última análise, num conflito ainda mais devastador: a Segunda Guerra Mundial. Verdun e o Somme coroaram com sangue toda essa estupidez.

Notas:

1 Sobre isso, cabe salientar que as construções alemãs, sobretudo das trincheiras, em geral eram bem, superiores às aliadas. Uma disciplina férrea garantia a organização e a limpeza, de forma mais eficiente.

2 “Os fortes se erguiam (...) como se estivessem abandonados. Entre eles e mais além só havia ruínas; estradas e trilhas transformadas em atoleiros; equipamento espalhado (...), enferrujando na chuva.”

3 Posteriormente, os franceses trataram de trasladar o corpo para o local onde o Coronel foi abatido. Hoje, no local, há um monumento que marca o setor do combate e mantém viva a memória do feito de Driant e seus homens.

4 A Batalha de Verdun resultou em quase um milhão de baixas. Em termos de destruição humana, não possui comparação.

Referências:

ARTHUR, Max, Imperial War Museum. **Forgotten voices of the Great War**. London: Ebury Press/Random House Press, 2003.

DAVID, Saul. **War: from ancient Egypt to Iraq**. London: Dorling Kindersley, 2009.

FERRO, Marc. **A grande guerra: 1914-1918**. Lisboa: Edições Setenta, 1990.

HART, Peter. **The darkest hour on the western front**. Berkeley: Pegasus Books, 1962.

HORNE, Alistair. **The price of glory: Verdun 1916**. New York: Penguin Books, 1962.

JANKOWSKI, Paul. **Verdun: the longest battle of the great war**. New York: Oxford University Press, 2014.

MIDDLEBROOK, Martin. **The first day on the Somme**. Yorkshire (UK): Pen and Sword Books, 1971.

VALLUY, J. E. (Général), DUFORCQ, Pierre. **La première guerre mondiale: tome premier 1914-1916**. Paris: Larousse, 1968.

WILLMOTT, H. P. **Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



SOBRE O AUTOR

Fabricio Gustavo Dillenburg tem formação em História e é fundador e responsável pelo Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis. Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, é autor de “**Kamikaze: as Invasões Mongóis e as Origens do Vento Divino**”. Mais informações nos sites www.nucleomilitar.com e www.nucleomilitarblog.com.

Ciclo de Palestras História Militar 2013-14

Com o objetivo de divulgar a História Militar e destacar sua importância na construção contemporânea, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis promove, há sete anos, junto à Associação Cultural Gramado (ACG)/Casa da Juventude, o Ciclo de Palestras Sobre História Militar.

A ACG foi declarada como sendo de Utilidade Pública pelo Decreto nº 21.457 de 30/11/1971, do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, e o governo alemão a reconhece como centro de referência cultural no Brasil.



Ciclo de Palestras Sobre História Militar
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis

Maruta 丸太 O Japão Genocida

Uma Palestra de F. G. Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
Academia de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB)
Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS)

Segregação, Guerra Biológica e Crimes Impunes
Jogos políticos e a ocultação da História japonesa

12 de Novembro, Terça-Feira, 19h30min
Casa da Juventude (em frente ao Lago Negro), Gramado
Ingressos Antecipados: R\$ 12,00 (na hora: R\$ 15,00)
Ingressos em Gramado: Yázigi, Casa da Juventude
Ingressos em Canela: Yázigi, Empório Canela
Informações e Reservas: (54) 386 1811 - (54) 9913 9650
www.nucleomilitar.com - www.nucleomilitarblog.com - e-mail: nucleomilitar@gmail.com

Quem promove e apoia a preservação e a divulgação da História, investindo na educação e na cultura:

Com postura independente, o Núcleo Militar é livre de qualquer posição política ou religiosa, voltado unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. O Núcleo visa fornecer informação e compreensão sobre História em geral e, em especial, História Militar, com acessibilidade, clareza, consistência e atualização. Sua filosofia estrutura-se sobre a necessidade da análise histórica ampla e rigorosa, apartidária e independente sob todos os aspectos.

Em setembro de 2013, o Núcleo se associou à AHIMTB/RS e ao IHTRGS, com a honraria concedida ao seu fundador e responsável, F. G. Dillenburg, de tornar-se um dos membros efetivos dessas instituições.

Dillenburg é historiador e autor, voltado para temas históricos e militares. Professor com três décadas de experiência, publicou "Kamikaze: as Invasões Mongóis e as Origens do Vento Divino". Presta assessoria e tem participação em inúmeros projetos, em todos os níveis, incluindo artigos e dissertações de Graduação, Pós-Graduação, Mestrado, Doutorado e MBA. Seus textos estão referenciados em diversos trabalhos, além de terem feito parte de material didático de uma rede de ensino com abrangência nacional.

O Ciclo de Palestras mais recente iniciou-se em Setembro de 2013 e encerrou-se em Janeiro de 2014. Durante o período, o público assistiu a conferências que versaram sobre as experiências militares do Japão com armas químicas e biológicas, na Segunda Guerra Mundial, sobre Mitologia Nórdica e sobre a infância alemã sob o regime nazista.

As palestras deste ciclo somaram-se às anteriores, que trataram de temas variados, como Kamikaze, a Batalha da Inglaterra, Stalingrado, o Muro de Berlim, a situação social alemã pós-Segunda Guerra, armas secretas alemãs, e inúmeros outros assuntos. As apresentações permitiram ao público uma aproximação com a História Militar de uma forma didática, sem perda de precisão, e com amplo acesso a imagens e vídeos - material, em muitos casos, bastante raro.

O apoio da FAHIMTB, da AHIMTB/RS e do IHTRGS, deram ao recorrente Ciclo novas perspectivas, adicionando não apenas novos elementos temáticos a serem explorados, mas também o reforço de seus respeitáveis nomes. Em contraponto, o Núcleo trouxe, para a Academia e o Instituto, *know-how* diferenciado, atendendo às suas necessidades relativas à estruturação de suas mídias impressas e digitais, além de fornecer mais poder de fogo no que concerne ao conhecimento histórico. Unidas por interesses comuns, as entidades tendem a constituir uma plataforma mais poderosa para a tão sofrida divulgação histórica no país.



Academia Digital

AHIMTB/RS Disponível Online



www.acadhistoria.com.br

Inaugurado no dia 15 de janeiro de 2014, o site da AHIMTB/RS representa uma nova etapa no avanço da divulgação dos nossos trabalhos.

Com visual limpo e simples de acessar, o site possui um endereço virtual fácil de memorizar (www.acadhistoria.com.br, idealizado a partir de "academia de história"), e tem por objetivo informar o que são a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (RS) e a Federação (seção "Quem Somos"). Visa, ainda, expor os endereços para contato (seção "Contatos"), além de prover endereços virtuais de sites que estão, de uma ou de outra forma, associados à AHIMTB/RS - FAHIMTB e ao IHTRGS (na seção "Conexões").

O site permite o *download* do informativo oficial da AHIMTB/RS, "O Tuiuti", desde o número um. As edições se encontram organizadas por ordem de lançamento, com um tópico identificando sua matéria principal, e podem ser adquiridas na seção "Informativos". Regularmente, novos números publicados serão adicionados.

Disponibilizamos, simultaneamente, um novo e-mail para contato com a Academia: acadhistoria@gmail.com que se soma ao e-mail do editor (lecaminha@gmail.com).

Esperamos que o site seja satisfatório em suas intenções, e que auxilie, ainda mais, a manter conectados aqueles que mantêm viva a chama da História Militar.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço www.nucleomilitar.com



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

